

CORREIO POLÍTICO

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Esposa, só Michelle fala o tempo todo com Bolsonaro

Michelle é a única política com acesso direto a Bolsonaro

Só há um político em contato direto, o tempo todo, com o ex-presidente Jair Bolsonaro: Michelle Bolsonaro. Esposa e moradora na mesma casa, ela é a única pessoa do meio político que pode falar com Bolsonaro na hora em que quiser. E essa está longe de ser uma boa notícia para o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), candidato à Presidência sob a unção de seu pai, em prisão domiciliar. Flávio até tem mais acesso que os demais filhos do ex-presidente: por figurar como um dos advogados de Bolsonaro, ele pode visitá-lo diariamente – os demais só podem vê-lo às quartas e sábados, seguindo os critérios dos presídios. Mas, evidentemente, Flávio não desfruta da mesma intimidade de Michelle.

“Licença” de Michelle é relativa

Michelle pediu licença da presidência do PL Mulher e parou com as viagens que fazia pelo país. Segundo ela, para poder cuidar de seu marido e da sua família. Mas ela já demonstrou que tem ideias próprias e não se intimida nesse sentido. E mesmo os passarinhos que sobrevoam o quintal da casa onde Bolsonaro cumpre prisão domiciliar sabem que ela não morre de amores por seu enteado. Na verdade, por nenhum deles.

Bruno Peres/Agência Brasil



Flávio vem jogando no desgaste de Lula

Flávio no momento joga parado

Algumas avaliações feitas no entorno de Flávio Bolsonaro são de que, no momento, ele mais joga parado. Ou seja, cresce mais a partir do desgaste do presidente Luiz Inácio Lula do que pelas suas próprias ações. A recente pesquisa da AtlasIntel, para citar um exemplo, apontou uma desaprovação de 53,5% do governo Lula contra uma aprovação de 45,9%. Numa eleição fortemente polarizada, é natural, então, que essa insatisfação reverta votos para aquele que aparece como contraponto de Lula, que é Flávio Bolsonaro.

Importância dos palanques

No novo formato que ganhou nos últimos tempos, talvez já não seja mais tão importante a um candidato à Presidência formar fortes palanques regionais. A campanha já não é mais nas ruas, ela é no ambiente virtual, das redes sociais. Jair Bolsonaro mesmo foi eleito em 2018 por um partido pequeno, sem palanques regionais. O problema é a base em torno dele.

POR
RUDOLFO LAGO

Base

Sem uma base eleita, Flávio, se ganhar, terá que formá-la. No momento, Flávio está tendo muita dificuldade na formação dos palanques nos estados. O que poderá levar o PL a ficar longe do projeto que tinha de eleger mais de 100 deputados federais e mais de 30 senadores, por causa das chapas puras.

São Paulo

A dificuldade começa por São Paulo. O PSD, que lançou Ronaldo Caiado candidato à Presidência, disputa com o PL espaço na chapa do governador Tarcísio de Freitas. O PL tentou colocar o presidente da Assembleia Legislativa, André do Prado. Mas Tarcísio tende a manter seu vice atual, Felício Ramuth, do PSD.

Paraná

Ou ter ao seu lado o próprio presidente do PSD, Gilberto Kassab. O Paraná é outro exemplo. Oficialmente, Ratinho Jr. resolveu ficar no governo do Paraná e desistir da candidatura presidencial para trabalhar contra a vitória do senador Sergio Moro, que se filiou ao PL, para o governo do estado.

Chapas puras

Em Santa Catarina e no Distrito Federal, as chapas puras promovem reações. Em Santa Catarina, uma união de PSD, MDB e Federação União Progressista contra os puro-sangues da chapa do governador Jorginho Mello. Em Brasília, reação à chapa pura para o Senado, com Michelle Bolsonaro e Bia Kicis ao lado da governadora Celina Leão (PP).

Desgaste

Há quem tema que a inexperiência de Flávio Bolsonaro na disputa política possa, a partir dessa ausência de apoios regionais, produzir desgastes quando a campanha começar de fato. Embora seja tão de direita quanto ele, Ronaldo Caiado largou, por exemplo, batendo fortemente nessa falta de experiência.

Pressão caseira

É onde, então, parte do entorno do PL tema o fato de Michelle ser a única política com trânsito direto com Bolsonaro. Até onde ela se engajará na campanha do enteado? Ou desgastá-la? Em tempo: o prazo de desincompatibilização no sábado (4) é importante. Mas o jogo oficialmente só começa no meio do ano.



Messias acredita ter conseguido os votos para ser aprovado

Nome de Messias é afinal enviado ao Senado

Após meses de resistência e recuo, Planalto avalia ter votos

Por Beatriz Matos

Depois de meses de espera e resistência nos bastidores, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) decidiu destravar uma das indicações mais delicadas do seu governo. O advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias, que chegou a ser dado como carta fora do baralho, voltou ao centro do tabuleiro com o envio do nome ao Senado para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF).

O movimento marca uma virada após meses de cálculo político. Indicado ainda em novembro de 2025 para suceder Luís Roberto Barroso, Messias enfrentou forte resistência, especialmente do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que defendia o nome do senador Rodrigo Pacheco (que mudou do PSD para o PSB nesta terça para, talvez, disputar o governo de Minas Gerais). Sem segurança de votos, o Planalto recuou e seguiu a formalização da indicação para evitar um desgaste quase inédito: a rejeição de um nome ao Supremo. Isso só aconteceu no governo Floriano Peixoto, em 1894, quando cinco indicações foram rejeitadas.

Nos corredores do Congresso, o cenário começou a mudar. Após semanas de articulação, que incluíram idas discretas de Messias ao Senado em busca de apoio, a avaliação no governo passou a

ser de que a resistência diminuiu. Fontes indicam que o próprio AGU pressionou pelo envio da mensagem, após concluir que já havia votos suficientes para enfrentar a sabatina.

A decisão também ocorre em meio a uma tentativa de reaproximação com Alcolumbre, que esperava uma conversa direta com Lula antes do envio. Ainda assim, o Planalto optou por avançar, apostando que o ambiente político está menos hostil do que no fim do ano passado.

Agora, Messias terá pela frente duas etapas decisivas. Primeiro, a sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde precisa de ao menos 14 votos entre os 27 senadores, um placar considerado apertado até por aliados. Depois, encara a votação em plenário, onde são necessários 41 votos para a confirmação.

Ciente do desafio, o próprio Messias adotou um tom conciliador. “Darei continuidade à minha jornada no Senado com humildade e fé”, afirmou. Em outro momento, reforçou: “Buscarei novamente o diálogo com todos os senadores e senadoras, pois este é um momento que exige entendimento”.

A estratégia passa por reduzir resistências e ampliar pontes. “Continuarei meu empenho pela pacificação e estabilidade”, disse. E completou: “Como profissional do direito, sempre valorizei o diálogo e a conciliação”.